



**CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**DEYZA NATALYA PEREIRA SOUZA**

**A ESCOLA ENQUANTO LUGAR: Uma Construção de Pertencimento**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2017**

**DEYZA NATALYA PEREIRA SOUZA**

**A ESCOLA ENQUANTO LUGAR: Uma Construção de Pertencimento**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo, apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

Área de Concentração: \_\_\_\_\_

Orientador: Prof. \_\_\_\_\_

Coorientador Prof. \_\_\_\_\_

**CAMPINA GRANDE**

**2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725e Souza, Deyza Natalya Pereira.  
Escola enquanto lugar [manuscrito] : uma construção de conhecimento / Deyza Natalya Pereira Souza. - 2017.  
27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Juliana Leopodino Vilar, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Pertencimento. 2. Vínculo efetivo. 3. Lugar. 4. Ambiente escolar.

21. ed. CDD 910

DEYZA NATALYA PEREIRA SOUZA

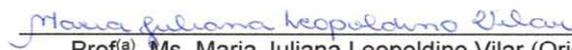
A ESCOLA ENQUANTO LUGAR: Uma Construção de Pertencimento

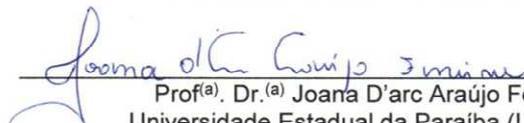
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo, apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

Área de Concentração: Educação

Aprovado (a) em: 19 / 12 / 2017.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof<sup>(a)</sup>. Ms. Maria Juliana Leopoldino Vilar (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof<sup>(a)</sup>. Dr.<sup>(a)</sup> Joana D'arc Araújo Ferreira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Esp. Leônidas Siqueira Duarte  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, o arquiteto do universo em sua grandiosa sabedoria e força, por me da o prazer de viver, me iluminar e me proteger em todos os momentos da minha vida, e por permitir sempre que eu alcançasse inúmeras vitórias.

Aos meus Pais, por sempre acreditarem em mim, os quais considero a razão do meu viver.

A minha amiga e Mãe do coração Ana Maria, que desde sempre torceu por mim e, se não fosse por ela, não saberia que tinha passado no curso, pela sua tamanha contribuição de seus conhecimentos, pois é uma pessoa que admiro muito.

A meu amigo Junior Barbosa que sempre torceu por mim, e sempre esteve ao meu lado, acompanhando cada passo dado no curso.

À Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, pela realização do curso e aos Professores do curso de Geografia, por todo conhecimento adquirido, pela motivação e por serem sempre atenciosos, dedicados, favorecendo assim, um convívio satisfatório durante todo o curso.

Em especial, a professora Maria Juliana Leopoldino Vilar e ao professor Agnaldo Barbosa dos santos, meus sinceros agradecimentos pela orientação, atenção, paciência, estímulo e disponibilidade do seu tempo, por todas as contribuições teóricas, por todas as sugestões e por terem sido meus guias na realização desse trabalho.

Aos meus raros e verdadeiros amigos o sexteto, esse foi o nome dado ao grupo formado por mim e minhas amigas.

A minha grande amiga Débora Hellen, um presente que a UEPB me proporcionou, uma irmã, não de sangue, mas de alma, pois foi e vai continuar sendo a pessoa mais especial e incrível que eu conheci, uma vez que tudo o que passamos juntas, desejo para aquelas pessoas que não sabe qual o valor de um verdadeiro amigo(a), onde levarei para vida toda, afinal tem sempre aquela amizade que se torna família.

Por fim, aos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização do meu tão sonhado sonho, minha graduação.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>7</b>
<b>3 CATEGORIAS GEOGRÁFICAS: Dimensões de Análises .....</b>	<b>7</b>
<b>3.1 A ESCOLA NUMA PERSPECTIVA DE LUGAR .....</b>	<b>13</b>
<b>4 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>4.1 ESCOLA .....</b>	<b>15</b>
<b>5 ANÁLISE .....</b>	<b>16</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>19</b>
<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>
<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA (PERCEPÇÃO DOS ALUNOS) .....</b>	<b>22</b>
<b>FIGURA A – FOTOS DA ESCOLA .....</b>	<b>23</b>

## A ESCOLA ENQUANTO LUGAR: Uma Construção de Pertencimento

Deyza Natalya Pereira Souza

### RESUMO

Trata-se de uma pesquisa sobre a escola enquanto lugar, tendo como foco a relação entre a realidade mais próxima do aluno e suas relações com a escola, seus vínculos afetivos e harmonia no ambiente escolar. O lugar é a categoria geográfica que se refere ao espaço vivido, onde se estabelecem as relações mais próximas. A escolha dessa temática originou-se a partir da nossa experiência no campo de estágio, usando como ponto de partida a análise do estudo de caso realizado com os alunos do 3º (terceiro) ano do ensino médio na escola da rede estadual de Campina Grande-PB. Como objetivo principal, buscou-se compreender se os alunos consideram a escola enquanto lugar de pertencimento. A abordagem metodológica utilizada foi caracterizada como qualitativa, por abordar os aspectos com relevância referente ao tema proposto. Na elaboração, foi utilizado fontes de livros que propiciou o encaminhamento da pesquisa, onde a mesma se caracterizou como bibliográfica e estudo de caso, cuja característica teve um caráter de profundidade e detalhamento, numa abordagem quantitativa. Os instrumentos foram questionários, entrevistas, máquina fotográfica; na análise, utilizou-se a análise de conteúdo. O campo da pesquisa foi a Escola Estadual Dom Luiz Gonzaga Fernandes. Percebe-se que os alunos pesquisados sentem-se pertencentes à escola, mantendo o vínculo com os amigos de sala de aula e professores, tanto dentro como fora da escola, enxergando assim, como um fator de fundamental importância, envolvidos com projetos na escola e, assim se sentindo mais atraído naquele âmbito escolar. Verifica-se que os alunos valorizam o fato de se manterem sempre matriculados na mesma escola, contribuindo assim para o fortalecimento de laços afetivos.

**Palavras-Chave:** Categoria geográfica: lugar; Pertencimento; Vínculo afetivo.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho vem ampliar perspectivas diversas de se pensar a educação, com probabilidades de contribuição para o entendimento das relações entre a escola enquanto lugar de pertencimento e a sociedade, como também, entre o ensino e a aprendizagem do aluno. Com isso, é visível o quão é produtivo pensar e

problematizar o ensino, a partir das relações entre estudantes, professores e a escola, para compreendermos o presente, possibilitando assim, a identificação de novas práticas de teorizações educacionais.

Destacamos nesse sentido, os projetos “horta orgânica” e “farmácia viva”, os quais foram promovidos pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, através da Pró-Reitora de Extensão, desenvolvidos por alunos e professores da UEPB, como também por estudantes e professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Luiz Gonzaga Fernandes, localizada no Bairro das Malvinas, em Campina Grande/PB, a qual é a Escola pesquisada.

Esse estudo apresenta como tema, a escola enquanto lugar: uma construção de pertencimento. A necessidade de pesquisar o tema ora apresentado surgiu da nossa experiência no campo de estágio na citada escola. Durante a nossa permanência, percebemos por meio das atividades realizadas a importância da visibilidade das categorias geográficas, especificamente lugar, no âmbito escolar. Entretanto, foi preciso ressaltar a escola entre os diversos olhares de alunos, professores, funcionários e a comunidade, propiciando assim, a vivência dos mesmos em seu espaço praticado, apreendendo o lugar e ampliando as pesquisas em seu entorno.

A partir dessa perspectiva, detalham-se as seguintes perguntas para o desenvolvimento da pesquisa: se tratando da geografia escolar, como poderíamos definir a escola numa perspectiva de lugar? Seria a escola um lugar de pertencimento entre estudantes, professores e funcionários? A identificação de um lugar ou não lugar dependerá exclusivamente do indivíduo que vivencia sua realidade, ou seja, cada indivíduo teria sua concepção de lugar?

Em torno das perguntas destaca-se o objetivo geral: compreender se os alunos consideram a escola enquanto lugar de pertencimento; os objetivos específicos são respectivamente: identificar os elementos que contribuem para a percepção ou não da escola como categoria de lugar; adquirir informações direcionadas aos discentes, através de questionamentos sobre a importância do corpo docente e sua relação com os alunos; analisar as causas que podem levar o aluno a ver este lugar como pertencimento.

O trabalho está dividido em três partes: na primeira, aborda discussões na dimensão de análise das categorias geográficas; na segunda, realiza uma abordagem sobre a caracterização histórica e geográfica referente à escola em

estudo, contextualizando com a dinâmica de pertencimento do lugar; na terceira foi realizada análise da entrevista.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Pode-se caracterizar esta pesquisa como qualitativa por abordar os aspectos com relevância referente ao tema proposto. Na elaboração foi utilizado fontes de livros que propiciaram o encaminhamento da pesquisa, a mesma se caracterizou como bibliográfica e estudo de caso. Bibliográfica pela fundamentação teórica do trabalho, pois foi realizada uma busca sobre os assuntos pertinentes ao tema e aos objetivos da pesquisa. Já o estudo de caso se caracterizou pelo caráter de profundidade e detalhamento, numa abordagem quantitativa, com a aplicação de questionário.

Vários instrumentos, como: coleta de dados, entrevistas realizadas no âmbito do estudo de caso, máquina fotográfica foram utilizados na pesquisa, onde houve uma construção teórica dos conceitos referentes à base da geografia como ciência.

Este estudo de caso foi realizado com a finalidade de analisar de que forma os alunos, da escola denominada Dom Luiz Gonzaga Fernandes, visualiza a escola como lugar, na perspectiva de categoria geográfica. De acordo com TUAN (1983, p. 198) “O lugar é um mundo de significado organizado”.

A coleta ocorreu no mês de novembro de 2017, com a turma única do 3º (terceiro) ano do ensino médio, com um total de 10 (dez) alunos. Escolhemos a última turma do ensino médio por entender que são os alunos que passaram mais tempo na escola e numa tentativa de identificar as informações que possam contribuir para melhorar o processo da modalidade de ensino aprendizagem.

Em seguida foi feita a coleta e a análise dos questionamentos sobre a temática, para que a partir dos dados obtidos seja possível alcançar respostas significativas na escola estudada.

## **3 CATEGORIAS GEOGRÁFICAS: Dimensões de Análises**

As reflexões sobre conceitos geográficos foram adquirindo ao longo de períodos históricos e geográficos, novas conjunturas, à medida que a sociedade

passava por um processo de transformação e os autores buscavam adequar tais análises à nova realidade estabelecida, muitas vezes determinando uma categoria chave, que poderia explicar o real objeto de estudo da geografia.

Tais tentativas de definição incitavam debates frequentes entre pesquisadores que apresentavam ideias opostas, levando a uma indefinição não apenas do objeto de estudo, mas, sobretudo dos conceitos das categorias geográficas.

É importante compreender a relação e a diferença existente entre espaço, território, região, paisagem e lugar, que frequentemente são utilizados como sinônimos, mas que apresentam configurações distintas, referentes aos fenômenos sociais, quando esses são analisados por disciplinas afins.

O conceito de tais categorias fora construído ao longo do processo histórico vivenciado pela geografia, passando por mudanças e, refletindo nas fronteiras que surgiram no intuito de separá-los, ou seja, a conceituação das divisões geográficas é trabalhada sem uma delimitação definida.

O conceito de espaço vem sendo discutido por diversos estudiosos, através de pesquisas, debates e embasamento teórico de outras ciências. Por ser um conceito complexo e inacabado, não se pode construir um conceito acabado, estático e inflexível, pois o espaço não é estático, fechado e fixo; ele é movimento em transformação. Assim, mediante a organização social, em um determinado tempo a sua própria história é construída.

Entretanto, para a geografia, o espaço é a categoria mais importante, pois é através desta que podemos analisar o objeto de estudo: a sociedade e sua relação com o meio. Porém, as transformações e permanências da estruturação física da organização socioespacial, em um dado momento historiográfico, por meio das relações políticas, culturais e econômicas, indicam as diferentes maneiras como as práticas sociais interagem com o espaço, apropriando-se dele.

Raffestin (1993, p.2) afirma que:

[...] o espaço não tem valor de troca, mas somente valor de uso, uma utilidade. O espaço é, portanto, anterior, preexistente a qualquer ação. O espaço é de certa forma, "dado" como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação.

Conforme diversas concepções sobre o espaço, percebemos que este, quando concebido pela ciência geográfica é o espaço praticado, o qual é produto

das relações sociais, ou seja, o que é construído e transformado sob a força de produção (trabalho) da sociedade, em cada porção do lugar, em um determinado tempo.

Já Santos (1988, p. 26) define que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.

No entendimento de alguns estudiosos, quando se afirma que a sociedade modifica o espaço faz-se referência à transformação pela qual a natureza vem passando, desde a evolução do ser humano no planeta. Então, o espaço natural ao sofrer influência da produção humana, vem a ser chamado de espaço artificial ou cultural. Ainda Santos (1988, p. 64) sobre o espaço, considera que: “[...] é a marca do homem sobre a natureza, chamada de socialização por Marx”. Resultante dos movimentos realizados com frequência pela sociedade e acentuado pela globalização.

Em meio às categorias geográficas existentes, o espaço se apresenta como o mais amplo entre todas as divisões hierárquicas da geografia, de modo que o mesmo abrange as categorias geográficas e recebem inúmeras definições usadas para designar diferentes conjunturas, visualizando a materialidade, derivando assim o procedimento, qualificando-o como espaço geográfico.

Haesbaert (2010, p. 160) assinala o espaço e atribui que: “[...] o que distingue, muitas vezes, um conceito de outro é simplesmente uma questão de foco”. Embora muitos acabem criando uma confusão quanto aos conceitos-chaves da geografia e, exista uma variação destes quanto ao período pesquisado, sabemos que, mesmo existindo ideias contrárias, tais categorias dispõem de definições concretas.

De acordo com Santos (1988, p. 71): “O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários”. À medida que o ser humano desenvolve atividades, está criando um espaço dinâmico, diferenciado, por exemplo, de paisagem, que é um dado momento da sociedade, muitas vezes reconhecidos como objetos de importância histórica, como por exemplo, os casarios do período

colonial. Considerando que a paisagem compreende os elementos do espaço físico e humano (SANTOS, 2007).

O espaço se apresenta como interação da sociedade, com o meio no qual se insere, uma vez que esta se encontra sempre em movimento, dando fluidez aos fixos, obra de trabalho diário que, dependendo do uso pode originar objetos fluxos. Santos (1988, p. 78) explicita que: “[...] a cada tipo de fixo corresponde uma tipologia de fluxos. Um objeto geográfico, um fixo, é um objeto técnico, mas também um objeto social, graças aos fluxos. Fixos e fluxos interagem e se alteram”.

Em uma sociedade capitalista, o capital produz o espaço e o delimita de acordo com a sua demanda, criando e recriando condições para que haja uma reprodução do mesmo. Reprodução essa que se dá de forma diversificada como a marginalização espacial, onde a grande concentração vista nos centros urbanos (pontos políticos, econômicos e culturais) está se estabelecendo nas periferias.

Segundo Corrêa (1987, p. 55) as atividades necessárias ao ser humano provocam a reprodução do espaço, visto que: “[...] o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra, é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução)”.

À medida que os espaços avançam em termos de acessibilidade, os artefatos criados pelo homem em dado momento passam a assumir nova conjuntura, principalmente quando este assume uma grande circulação, proporcionada pelos centros econômicos produzidos nas grandes cidades do planeta. Isto leva o espaço urbano a se reproduzirem de diferentes formas de identificação, que geram diversas práticas de produção.

A partir do momento que uma região surge, ela estará sujeita a passar por inúmeras transformações. Em alguns momentos, a mesma pode se desenvolver consideravelmente, e pode passar por processos de estagnação, como Haesbaert (2010, p. 37) afirma: “[...] a região já nasce fadada a idas e vindas, desconstruções e reformulações”. O grande controlador de uma região sem dúvidas é o capital, desde o seu surgimento, este vem ocupando um grande espaço na sociedade, capaz de colocar o mundo em crise e ainda, o manter dividido em pobres e ricos.

Uma determinada região pode transformar-se de acordo com as reformulações do mercado capitalista, nessa perspectiva, a ideia de região natural difundida no início do século XIX, baseada no determinismo ambiental, onde a natureza tinha um papel determinante sobre o homem, encoberto pelo

possibilíssimo, no qual na perspectiva de Corrêa (1987) o homem com sua cultura cria uma paisagem e novas formas de convívio social.

O ser humano alterou profundamente a paisagem na busca de alcançar um nível de desenvolvimento, influenciado pelo interesse e dominação que o capital exerce, intensificando as relações com diversas áreas, a partir do desenvolvimento dos transportes e dos meios de comunicação, de modo que as regiões onde antes se produziam o indispensável para o consumo, hoje com a eficiência dos novos modos de circulação de mercado, pode-se buscar qualquer produto em outras cidades ou em outros países.

O território surge a partir das relações de poder existentes na sociedade, ao se apropriar e se estabelecer, qualificando e dando possibilidade de desenvolvimento. Contudo, a cada momento histórico, a divisão territorial apresenta proposições inerentes à hierarquia dos lugares, pessoas, firmas e instituições, adequadas ao espaço, em diferentes ordens da própria organização espacial.

Raffestin (1993, p. 2) declara que:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação, o ator "territorializa" o espaço).

O termo território expõe a própria dimensão espacial (da sua territorialidade), ratificando a espacialidade como foco principal, a análise, a sociedade e sua dinâmica, qualificando-a a partir de suas diferentes representações de ordens organizativas. O caráter político de um território é compreendido em sua flexibilidade formal e de conteúdo, expressas na relação desenvolvida com as noções de representação de tempo e espaço. Como o objeto de estudo referente à escola enquanto lugar de pertencimento.

Discutir a realidade de um ponto de vista na qual o lugar é avaliado, tanto como produto de uma dinâmica que é exclusiva, ou seja, resultante de predicados histórico e cultural intrínsecos ao seu processo de desenvolvimento, quanto como uma expressão da globalidade. Nesse contexto, Carlos (1996, p. 16) enfoca que: "[...] o lugar se apresentaria como o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento". Com

isso, se pode questionar o entendimento entre a escola e a sociedade. Já para Santos (1988, p. 34) este conceito é bem mais complexo, ao alegar que:

Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, “únicos”. Isto se deve à especialização desenfreada dos elementos do espaço – homens, firmas, instituições, meio ambiente –, à dissociação sempre crescente dos processos e subprocessos necessários a uma maior acumulação de capital, à multiplicação das ações que fazem do espaço um campo de forças multidirecionais e multicomplexas, [...].

Esse acontecimento pode-se fazer referência ao lugar qualificado, pela exclusividade relacional no agregado social, que protege suas práticas culturais em lugares bem específicos como ocorre na Escola enquanto lugar: Uma Construção de pertencimento. O espaço continua o mesmo, mas as situações seriam diferentes e, essa importância poderá mudar a história e lhe atribuir novas funções. Essas propriedades de multidimensionalidade e a multiplicidade do espaço do espaço variam e podem instituir inúmeras configurações sociais e territoriais. Acrescentando ainda uma dimensão histórica e geográfica na percepção do lugar.

No que diz respeito à prática diária, ou seja, às concepções que surgem do plano do vivido, e neste sentido é bastante similar à percepção humanística. Assim sendo, torna-se relevante persistir na importância de composição em uma análise do lugar como marcas de pertencimento, em que permite um esclarecimento em torno dessas questões às quais nos referimos frequentemente.

Segundo Carlos (2013, p. 100) em seu entendimento o lugar é caracterizado principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos sujeitos em relação ao seu ambiente ao qual pertence. De que cada lugar possui características próprias que, em conjunto, conferem ao espaço uma identidade própria e cada indivíduo que convive com ele se identifica. Dessa forma, o lugar garante a manutenção interna da situação de singularidade. As parcelas do espaço geográfico com a qual cada indivíduo se relaciona e interage compõe o seu lugar. Cada pessoa terá um local diferente do outro, como a escola enquanto lugar, na medida em que a própria escola possui vida diferente no dia a dia. Esse espaço ocupado e praticado terá íntima relação com os aspectos culturais que marcam cada educandário no seu sítio de pertencimento.

Esses modos de viver no espaço, se refletirão nos vocábulos pronunciados por Santos (1988, p. 35): “O lugar é um ponto do mundo onde se realizam algumas das possibilidades deste último. O lugar é parte do mundo e desempenha um papel

em sua história [...]”. Podemos proferir que, o lugar com todas suas características exerce um papel em sua história, propiciando o confronto entre o local e o global, porque procura priorizar a realidade em avaliar a escala geral, o que está ocorrendo no mundo, sem esquecer as raízes imprescindíveis à compreensão de cada artefato em estudo.

### **3.1 A ESCOLA NUMA PERSPECTIVA DE LUGAR**

De acordo com TUAN (1983, p. 153), o “lugar é uma pausa no movimento. [...] A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor”.

O que é a escola numa perspectiva de lugar? Um ambiente onde ocorre uma vivência de harmonia, com a presença de laços afetivos, embora tenha sido por muito tempo avaliado exclusivamente por essa perspectiva de afetividade, o lugar hoje já possui análises de outros autores que o trata a partir de outro olhar, apesar disso, ainda é comum e talvez seja a forma mais usual trabalhar essa categoria de análise a partir dos laços afetivos e/ou indiferentes.

Se tratando da Geografia escolar, como poderíamos definir a escola em um aspecto de lugar? Seria um lugar das relações afetivas entre os estudantes com o meio, com eles mesmos, com os professores, com os funcionários? Ou poderia ser o contrário, se tratássemos a escola como um ambiente onde as relações não seriam afetivas e prazerosas, mas sim desagradáveis e negativas? Nesse caso, a escola passaria a ser um não-lugar. A identificação de um lugar ou não-lugar dependerá exclusivamente do indivíduo que vivencia sua realidade, ou seja, cada indivíduo terá a sua concepção quanto àquele ambiente.

Embora cada um forme a sua concepção, essa dependerá das relações dos sujeitos ali presentes, isto é, a categorização da escola como lugar ou não-lugar dependerá de uma série de ações tomadas pelos agentes que compõem o ambiente escolar. Dentre estas ações, podemos elencar a relação professor-aluno, e o professor enquanto agente mediador do conhecimento, que busca despertar no aluno o interesse pelos temas de sua disciplina. O professor deve transmitir para o aluno através de uma metodologia que priorize a vivência, o aprendizado pela experiência.

Podemos citar também a relação aluno-aluno, fazendo uma análise no comportamento entre eles, observando como a turma acolhe determinado aluno no

que se refere às diferenças trazidas por ele para dentro da sala de aula, por exemplo: um aluno negro ou portador de necessidades especiais. Nesse caso, avaliamos a escola como um todo, como aquele ambiente onde os indivíduos que o compõe vão lidar com as diferenças.

Desse modo, se essas relações forem positivas, a escola sempre será considerada como um lugar, tanto para os alunos, quanto para os demais agentes ali inseridos. No entanto, se as relações forem negativas, então a escola pode passar a se tornar um não-lugar para os que a frequenta, pois sabemos que a escola é um espaço privilegiado de aprendizado, interação, construção do conhecimento e das relações humanas.

#### **4 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO**

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Luiz Gonzaga Fernandes, localiza-se à Rua das Pitombeiras, S/N – Conjunto Malvinas – Campina Grande – PB. A sua fundação deu-se no governo de Tarcísio de Miranda Buriti, com a publicação no Diário Oficial, sob o Decreto Lei Nº. 12.353 de 13 de janeiro de 1988. Seu funcionamento foi registrado sob a Resolução Nº. 340/2001.

O nome da escola é uma homenagem feita pelo então Governador ao Bispo D. Luiz Gonzaga Fernandes, o qual vinha desempenhando um trabalho notável frente à Diocese dessa cidade.

Aberta à comunidade em 18 de janeiro de 1988, essa Escola possuía como gestora a orientadora educacional, Sr<sup>a</sup>. Nazilma Marques da Silva. Aos 26 de agosto de 1988, a instituição é inaugurada oficialmente com representantes da 2<sup>a</sup> Região de Ensino, membros da Sociedade de Amigos do Bairro, mães, alunos, pessoas da comunidade e alguns professores e funcionários. Foi a segunda escola estadual do conjunto Álvaro Gaudêncio, hoje denominado Bairro Malvinas. Na sua atual gestão, temos como Diretora a pessoa de Maria Nazareth Tavares Nascimento.

O objetivo principal dessa escola é proporcionar uma ação educativa, fundamentada nos princípios da universalização de igualdade de acesso, permanência e sucesso, da obrigatoriedade da Educação Básica e da gratuidade escolar.

Tendo como proposta no seu Projeto Político Pedagógico – PPP fomentar uma escola de qualidade, democrática, participativa e comunitária, como espaço

cultural e de socialização e desenvolvimento, visando também prepará-los para o exercício da cidadania através da prática e cumprimento de direitos e deveres, dentro de princípios universais.

A partir do que se propõe desenvolver, essa escola tem como finalidade atender o disposto nas Constituições Federal e Estadual, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Estatuto da Criança e do Adolescente, ministrar o Ensino Fundamental e Ensino Médio, observando e aplicando em cada caso, a legislação e as normas especificamente aplicáveis.

#### **4.1 ESCOLA**

A escola funciona nos três turnos, cujas modalidades são respectivamente: ensino fundamental (anos finais), ensino médio e Educação de Jovens e Adultos – EJA. É um prédio de alvenaria, composto por 11 (onze) salas de aulas, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, cozinha, biblioteca, banheiro, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, dispensa, almoxarifado, pátios coberto e descoberto, porém pouco conservado.

Há projetos na escola denominados de horta orgânica, farmácia viva e o Atendimento Educacional Especializado – AEE, um projeto criado pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC, para alunos especiais, com o objetivo de estimular a aprendizagem.

O Corpo Docente é composto por uma equipe de profissionais, subdivididos em suas respectivas disciplinas: linguagem códigos e suas tecnologias (onze profissionais); ciências naturais (seis profissionais); ciências sociais (sete profissionais); ciências exatas (quatro profissionais); educação especial (dois profissionais).

Para que seja possível alcançar um “bom comportamento” dos alunos, é necessário à atuação de alguns métodos por parte dos inspetores, no que diz respeito ao controle da entrada na escola com fardamento e, de certa forma, há uma pressão referente à utilização dos livros didáticos na sala de aula por alguns professores, ou seja, os alunos são pressionados para sempre levarem os livros.

É primordial quando os alunos podem interagir no ambiente escolar, tanto externamente como internamente com credibilidade, onde os seus docentes em sua

atuação busca transmitir valores no dia a dia, colaborando assim no crescimento do senso crítico dos seus discentes.

## **5 ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS**

A turma analisada é do turno do 3º (terceiro) ano de ensino médio, composta por 12 (doze) alunos matriculados, porém apenas 10 (dez) alunos frequentam a escola. A faixa etária varia entre 17 (dezessete) e 23 (vinte e três) anos. É considerada uma turma interessada e sempre procura intervir durante as aulas para adquirir conhecimentos.

No primeiro momento da pesquisa foi questionado sobre o tempo que os alunos estão na escola, com o objetivo de analisar esse tempo como um fator evidente, para verificar se os mesmos se sentem pertencentes à escola ou não.

Com base nesse levantamento, pode-se perceber que a maioria dos alunos encontra-se desde o ensino fundamental na instituição, de tal modo que já se criou uma relação de vínculos, pois o tempo de permanência na escola é um fator importante para a manutenção desses laços afetivos.

No que diz respeito aos projetos desenvolvidos na escola, 9 (nove) alunos responderam que participaram de todos e apenas 1 (um) respondeu que havia participado da maioria dos projetos, dentre eles: horta orgânica, plantas medicinais, programas de cultura e educação na sala de aula, amostras pedagógicas, incentivos de sustentabilidade e prevenção sobre a dengue, dentre outros.

Destarte, percebe-se o interesse que os alunos têm em interagir socialmente, participando desses projetos fora da sala de aula, considerados por eles um fator de motivação para permanecer na escola, fortalecendo assim, o vínculo social em seu ambiente.

Houve questionamento referente aos amigos, se os mesmos faziam parte apenas da escola ou também do seu dia a dia; como resposta, obtivemos: 6 (seis) alunos responderam que sim, 2 (dois) responderam que a maioria deles e 2 (dois) disseram alguns. Tendo como base essas respostas, vimos que a maioria dos alunos são amigos não apenas na instituição, mas também fora dela. Deixando assim uma marca nessa relação de escola como lugar.

Na questão escola, os alunos informaram que apenas frequentam no horário da aula, mas seria relevante se pudessem frequentar em outro horário para buscar

mais conhecimentos, tirar dúvidas, dar sugestões. Além disso, falaram sobre os problemas existentes na estrutura física da escola, como pichação, ausência de quadra esportiva, a sala de informática que às vezes não funciona e outros atos de vandalismo. Esses problemas existentes contribuem para que o sentimento de tristeza faça parte do cotidiano de cada um que, apesar disso, ainda é possível enxergar a preocupação do corpo docente com o corpo discente, que visa sempre dar o melhor na qualificação de seus respectivos alunos(as).

A relação professor-aluno foi trabalhada em alguns questionamentos. Verificamos se existiam vínculos afetivos entre eles, qual a visão dos alunos em relação à reciprocidade fora do âmbito escolar, se a participação do professor é relevante para a sua formação e se o corpo docente, em especial, o(a) professor(a) contribui para o seu crescimento enquanto cidadão.

Tendo em vista as respostas dos alunos, 6 (seis) responderam que havia vínculos nessa relação, 2 (dois) responderam que às vezes existiam vínculos, 1 (um) respondeu que o vínculo afetivo não acontecia com todos os professores e 1(um) respondeu que acontecia com a maioria deles.

No que tange à reciprocidade, os alunos veem essa questão de forma bastante positiva, pois tem o professor como seu amigo não só na escola, mas fora dela também, onde o respeito prevalece entre eles e os ensinamentos adquiridos na sala de aula são fundamentais para que sejam colocados em prática no cotidiano. Além disso, dentro das possibilidades saem juntos, se confraternizam, sempre mantendo uma relação de afeto.

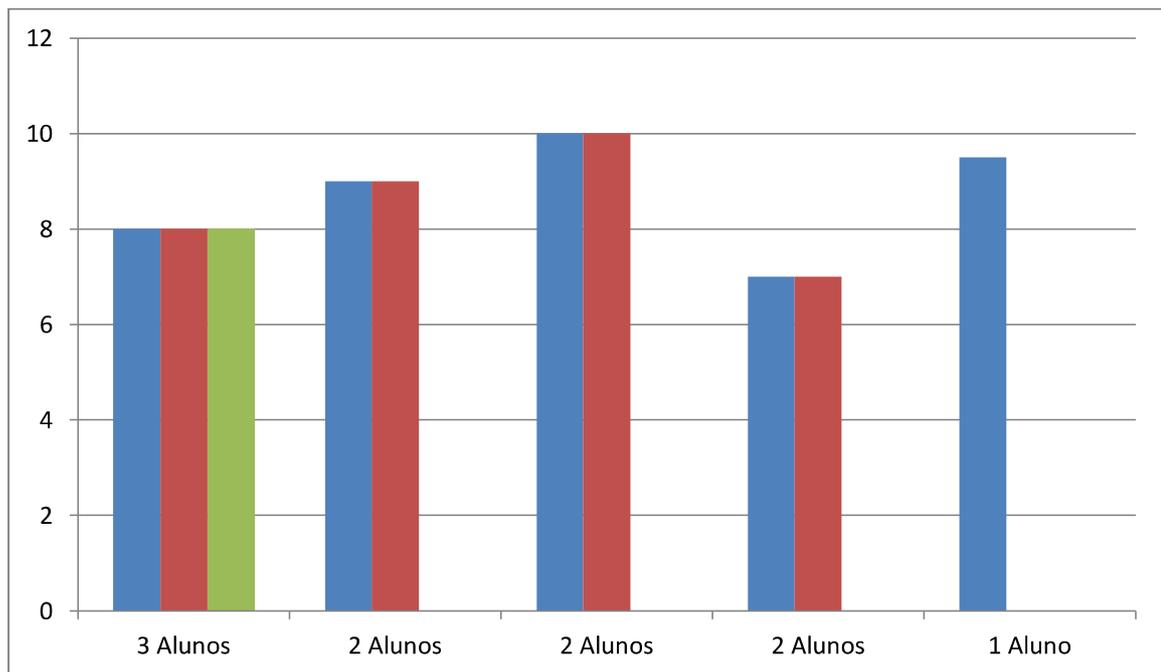
Na visão desses alunos, percebemos através dessas avaliações, que eles têm o professor como a base maior da sua formação, o qual contribui sempre para seu crescimento enquanto cidadão, tornando seres pensantes e futuros profissionais.

Para Yi Fu Tuan (1983, p. 151) “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. Nesse sentido, os alunos ver a escola como lugar de apropriação, um lugar que identifica o pertencimento dele, ou seja, onde o sentimento é confortável, é um sentimento positivo.

Ao final da pesquisa foi analisada a visão de que o aluno tem a escola como lugar, todos eles responderam que a escola era um ambiente que desperta um sentimento acolhedor, que preza pelo pertencimento. Que no início quando chegam à instituição não há de primeira aquele apego, mas com o passar dos anos, os laços

são fortificados, criados. Como diz TUAN (1983, p. 6) “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

A pesquisa foi encerrada com a seguinte questão: numa escala de 0 (zero) a 10 (dez), como você classificaria a escola como seu lugar. Como resultado, temos respectivamente: três alunos: 8,0; dois alunos: 9,0; dois alunos: 10,0; dois alunos: 7,0 e um aluno 9,5.



Alguns alunos justificaram o fato de sentir a escola como lugar, pois à medida que há uma frequência ativa na instituição, esse ambiente se torna agradável e significativo para a maioria deles, um lugar onde se tem intimidade, onde é possível atender as suas necessidades, sentindo-se sempre confortáveis. Segundo (TUAN, 1983, p. 152) “os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato”.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Um dos elementos que marcam a especificidade das práticas educativas é o ambiente escolar, onde se percebe o vínculo desde os primeiros anos de vida. A escola passa a ser o ambiente que será vivenciado no seu dia a dia, um lugar de aprendizado, como também de interações.

Na escrita dos discentes, podemos verificar a percepção de pertencimento como uma marca que vem a ser as características das relações sócio espaciais, resultado de uma história local que foi sendo construída através das aulas, projetos e momentos na escola.

Mesmo tendo a escola com uma dinâmica de formação bem definida, muitas vezes na repetição de métodos e conteúdos, muitos alunos estendem suas relações afetivas para além dos muros da escola, fazendo assim, os laços de amizade e, por vezes, os professores tornam-se referência para o seu crescimento pessoal.

A escola pensada como lugar é muito importante, uma vez que é a partir dela que se tem relações e identidade própria, onde se constrói em cada indivíduo um significado com intensidades diferentes, sustentadas por determinadas ações que serão intensificadas ao longo do tempo. O lugar é visto neste trabalho como categoria chave, pois ao ser definido, se refere à parcela do espaço mais próxima do sujeito e não podemos negar que mesmo não sendo um modelo de escola local, não temos nesse percurso educativo, uma relação de intimidade com a escola que, ao longo do tempo vai deixar marcas e relações de pertencimento.

A ESCOLA ENQUANTO LUGAR: Uma Construção de Pertencimento

### ABSTRACT

It is a research about the school as a place, focusing on the relation between the reality closest to the student and his relations with the school, its affective bonds and harmony in the school environment. The place is the geographical category that refers to the lived space, where the closest relations are established. The choice of

this topic originated from our experience in the field of internship, using as a starting point the analysis of the case study carried out with the students of the 3rd (third) year of high school in the state school of Campina Grande-PB. The main objective was to understand if the students consider the school as a place of belonging. The methodological approach used was characterized as qualitative, by approaching the aspects with relevance referring to the proposed theme. In the elaboration, it was used sources of books that propitiated the routing of the research, where it was characterized as bibliographical and case study, whose characteristic had a character of depth and detail, in a quantitative approach. The instruments were questionnaires, interviews, camera; in the analysis, the content analysis was used. The field of research was the State School Dom Luiz Gonzaga Fernandes. It can be seen that the students studied feel that they belong to the school, maintaining the bond with the friends of the classroom and teachers, both inside and outside the school, thus seeing, as a factor of fundamental importance, involved with projects in school and , thus feeling more attracted in that school environment. It is verified that the students value the fact of being always enrolled in the same school, thus contributing to the strengthening of affective bonds.

**Keywords:** Geographic category: place; Belonging; Affective bond.

## 7 REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. I ed., 2ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 2. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PARAÍBA. **Projeto Político Pedagógico**. Secretaria de Educação Esporte e Cultura. 3ª Regional de Ensino. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Luiz Gonzaga Fernandez. Campina Grande. 2017.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

SANTOS, Agnaldo Barbosa dos. **Espacialidades e Ressignificação das Cavalhadas de Argolinhas em Campina Grande**. Campina Grande-PB: UEPB, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

## APÊNDICE A – ENTREVISTA (A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS)

- 1 – Há quanto tempo você estuda na escola?
- 2 – Para adquirir conhecimento, você acha que é necessário frequentar os dois turnos ou apenas um?
- 3 – Independente do horário na escola, você pratica outra atividade?
- 4 – Qual a sua avaliação referente à escola?
- 5 – A estrutura física do ambiente escolar satisfaz às necessidades dos alunos em sua opinião?
- 6 – Desenvolveu alguma ação para melhorar o ambiente?
- 7 - O que seria possível na sua visão, para mudar essa situação?
- 8 – Há uma interação social na instituição entre os(as) alunos(as)?
- 9 – Durante a sua permanência na escola, foi possível participar de projetos desenvolvidos?
- 10 – A participação do professor é relevante para a sua formação escolar?
- 12 – Na relação professor-aluno existe interação de vínculos afetivos?
- 13 – Qual a sua visão referente à reciprocidade existente entre os professores e alunos fora da sala de aula?
- 14 – Seus amigos do cotidiano também faz parte da escola?
- 15- A equipe do corpo docente, em especial o(a) professor(a), contribuiu para o seu crescimento enquanto cidadão?
- 16 – A experiência vivenciada marcou a sua vida?
- 17 – Você considera a escola como seu lugar, ou seja, um lugar afetivo, atrativo, onde o princípio da inclusão prevalece?
- 18 – Onde o princípio da inclusão prevalece?
- 20 – Numa escala de 0 a 10, quanto você classifica a escola como seu lugar?

**FIGURA A**

Foto 1: Frente da Escola Dom Luiz Gonzaga Fernandes



Fonte: Deyza Natalya Pereira Souza, 2017.

Foto 2: Corredor da escola



Fonte: Deyza Natalya Pereira Souza, 2017.

Foto 3: Pátio da escola



Fonte: Deyza Natalya Pereira Souza, 2017.

Foto 4: Projeto Farmácia Viva



Fonte: Deyza Natalya Pereira Souza, 2017.

Foto 5: Projeto Horta Orgânica



Fonte: Deyza Natalya Pereira Souza, 2017.

Foto 6: Sala do Atendimento Educacional Especializado – AEE



Fonte: Deyza Natalya Pereira Souza, 2017.